

## Apresentação

Rejane C. Rocha

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROCHA, RC. Apresentação. In: SANDANELLO, FB. *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompeia* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 13-16. ISBN 978-85-7983-672-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## APRESENTAÇÃO

A certa altura deste livro que o leitor tem agora nas mãos, seu autor retoma uma interessante reflexão, colocada por Antoine Compagnon – e por muitos outros pesquisadores –, entre sentido e significação. O estudioso francês propõe uma diferenciação fundamental entre os dois conceitos a fim de apreender como possibilidade teórico-crítica o que o senso comum desde sempre percebeu: que a grandiosidade de uma obra, requisito para que ela continue sendo lida através de gerações, reside em grande parte no fato de que ela congrega, a par de seu sentido “original”, inúmeras significações que a ele se vão somando com o passar do tempo, graças às diferentes leituras dessa obra, sejam individuais ou coletivas. O fino equilíbrio entre o que “diz a obra” e o que ela “pode vir a dizer” para leitores de diferentes tempos e espaços é a essência do inesgotável para a obra-prima.

No contexto em que retoma essa discussão, na conclusão de seu livro, Franco Baptista Sandanello já se colocou a salvo da armadilha que ronda o crítico literário que não atenta para a diferenciação discutida por Compagnon. Graças à sofisticação do percurso argumentativo deste livro, evidencia-se a consciência crítica de que ler uma obra-prima é surpreendê-la naquele fino equilíbrio de que se falou anteriormente e de que, ao não fazê-lo, a reflexão padece sub-

jugada pela falácia intencional ou pelas investidas do anacronismo rasteiro.

Ao se resguardar da armadilha, o autor deste livro resgata a obra *O Ateneu*, de Raul Pompeia, das significações que engendraram outras e que, no curso da constituição da fortuna crítica do romance de Pompeia, foram paulatinamente limitando as leituras da obra a um círculo analítico muito estreito que não mais conseguia fazer jus a sua grandeza. Evidentemente, não se trata de dizer que toda a fortuna crítica acerca d’*O Ateneu* é inválida ou equivocada – e na minuciosa compilação que o autor deste livro faz dela, o leitor encontrará a agudeza crítica, nunca o menosprezo –, mas de investir no impulso de, antes de tudo, ler a obra, efetivamente encontrá-la sob a “eterogénea rouparia”<sup>1</sup> do discurso crítico.

“Ler a obra” parece um truísmo, mas o que se tem percebido nos trabalhos recentes de literatura é que, infelizmente, é uma atividade cada vez mais rara. Ao ler a obra, o autor cumpre um percurso metodológico admirável que se mostra à altura de sua ambição de, sem menosprezar a fortuna crítica d’*O Ateneu*, construída ao longo de mais de um século, oferecer uma leitura do romance atenta a sua constituição formal. O efeito colateral, benigno, no caso, é a compreensão de que as especificidades formais do romance – presentes na fortuna crítica *in absentia* – ensejaram as leituras que, afinal, o aprisionaram a um nível restrito de significados.

O que o leitor encontrará, então, nas páginas subsequentes, é: 1) um exercício de crítica da crítica, quando o autor retoma, avalia, analisa os textos que fazem parte da fortuna crítica sobre *O Ateneu*, articulando-os com os diferentes momentos em que foram produzidos, identificando seus limites analíticos e esmiuçando a sua argumentação; 2) uma proposição teórica que erige uma arquitetura conceitual para o problema “narrativa de memórias”, o que é feito a partir de um sólido alicerce teórico pautado na narratologia; 3) uma leitura crítico-analítica rigorosa do romance.

---

1 A expressão é de Mario de Andrade em *A escrava que não era Isaura*.

Mas eu não seria justa com os méritos deste livro se não chamasse a atenção para o que julgo ser o seu “ovo de Colombo” metodológico, na minha opinião o responsável por fazer deste livro um exemplar da mais requintada crítica literária. Lanço mão, aqui, dos privilégios adquiridos por ser uma leitora que acompanhou o desenvolvimento da pesquisa que resultou neste livro; privilégios esses que me permitem saber que a formulação do problema central surgiu não da crítica ou da história literária, mas sim da leitura cerrada do romance, livre daquela “eterogênea rouparia”. Foi só a partir dessa intimidade que o autor construiu com o texto de Raul Pompeia, que os pressupostos se colocaram – e ensejaram as conclusões que se explicitam neste livro: 1) que há uma especificidade na narrativa de memórias em *O Ateneu*; 2) que a fortuna crítica leu muito pouco o romance na sua constituição estrutural, narratológica; 3) que justamente por isso não percebeu o que havia de específico nessa arquitetura de narrativa memorialística; 4) que era necessária uma proposição teórica que, quando formulada – e o autor a formulou na conceituação de uma “narrativa prospectiva” –, possibilitaria a (re)leitura do romance e o desvelamento dos limites da fortuna crítica constituída.

Para concluir esta apresentação – sem delongas, para que o leitor possa, enfim, chegar ao que importa –, transcrevo um trecho do poema “Psicologia da Composição”, de João Cabral de Melo Neto, que me parece a imagem melhor acabada para não apenas o trabalho literário, mas também para o trabalho que se dedica a compreender, descrever e analisar esse trabalho:

Não a forma encontrada  
 como uma concha, perdida  
 nos frouxos areais  
 como cabelos;

não a forma obtida  
 em lance santo ou raro,  
 tiro nas lebres de vidro  
 do invisível;

mas a forma atingida  
como a ponta do novelo  
que a atenção, lenta,  
desenrola

aranha; como o mais extremo  
desse fio frágil, que se rompe  
ao peso, sempre, das mãos  
enormes.

É isso que o leitor encontrará a seguir: não apenas o talento que oferece de graça a perspicácia da leitura, mas o obsessivo trabalho com o romance, com a fortuna crítica, com a conceituação teórica, com a argumentação que “a atenção lenta, desenrola”.

*Rejane C. Rocha*

São Carlos, fevereiro de 2015